

## HIPOCONÓIA

Arthur Lopes Filho

Mário Cunha mostrou a língua. Trinta e três. Dói, não dói. Respondeu sempre pacientemente. Tirou chapa do fígado e do pulmão. Fez todos os eletros. Até exame de esperma. Seu cocô tem cheiro «sui generis», informaram. Visitou terrenos. Tomou chá de Quebra-Pedra, de Bosta-de-Boi, de Angelim-Amargoso. Bebe que é bom — ouviu sempre. Sempre paciente o Mário Cunha. Faz cinco anos que anda nestes dilemas. Já gastou toda a herança da avó. Agora veio o diagnóstico final: é mais são que um bom cristão. Perdeu a paciência: ou estão me perseguindo ou sou uma besta. Como não conseguiu se acostumar à idéia de ser besta, ficou convencido de perseguição. Contratou capangas. Construiu uma fortaleza. Comprou carro blindado. Colete-à-prova-de-balas. Cismou que punham formicida em suas cuecas, deixou de usá-las. Cismou com veneno no sabão, abandonou-o. Cismou que seu cachorro ficou doido, mandou matá-lo. Cismou com as mulheres, proibiu-as. Cismou da lua cair em sua cabeça, aboliu-a. Diversas cismas. Muitas perseguições. Depois do tratamento melhorou, o psicanalista ajudou-o muito. Convenceu-se de que é besta mesmo. Já até passou a cair no Conto do Vigário.